

(GTX - VIDA)

O teatro possível na pandemia de COVID-19: as criações do Grupo Galpão entre 2020 e 2022

Mestranda Cíntia Raquel Badaró (UFMG)
Dra. Mariana Lima Muniz (UFMG)

Resumo

Este artigo busca analisar brevemente as criações de teatro digital do Grupo Galpão, de Belo Horizonte, feitas nos anos de isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19 entre 2020 e 2022. Ainda que seus integrantes sejam todos imigrantes digitais (PRENSKY, 2001), o Galpão foi um dos grupos de teatro brasileiros mais ativos digitalmente e criou nove trabalhos ao longo desse período. A trupe completou 40 anos de trabalho em 2022 e não havia, ainda, experimentado formas de substituição do convívio de atores, técnicos e espectadores por tecnologias digitais em seus espetáculos.

Palavras-chave: Teatro Digital; Pandemia; Grupo Galpão.

Abstract

This article seeks to briefly analyze the digital theater creations of Grupo Galpão, from Belo Horizonte, made during the years of social isolation imposed by the COVID-19 pandemic between 2020 and 2022. Even though its members are all digital immigrants (PRENSKY, 2001), Galpão was one of the most active Brazilian theater groups and created nine works throughout this period. The troupe completed 40 years of work in 2022 and had not yet tried ways of replacing the interaction of actors, technicians and spectators with digital technologies in their plays.

Keywords: Digital Theater; Pandemic; Grupo Galpão.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o mundo experimentou novamente a tragédia de uma pandemia, o que – nesses moldes – era algo inédito para nossa geração. Nesse período, em que vivemos a imposição de um afastamento físico, modelos de trabalho, diversão, prestação de serviços que conhecemos precisaram ser revistos. Por sorte esta pandemia acontece em uma época de grande expansão e desenvolvimento de tecnologias digitais de diversas aplicações.

Quem teve o privilégio de ficar em casa pôde acompanhar as movimentações artísticas locais e mundiais. No campo cultural, assim como em outros, houve um movimento rápido de

CIACT/SAD 09

criação ou de maior atenção aos perfis nas redes sociais. Na rede social Instagram viam-se algumas campanhas para conseguir seguidores na plataforma de compartilhamento de vídeos Youtube, onde um número mínimo de inscritos é necessário para que a rede entenda seu perfil como relevante e libere algumas funcionalidades, como por exemplo a escolha de um nome de usuário pertinente e fácil de compartilhar. Alguns já tinham seus perfis consolidados, mas os espaços virtuais não eram utilizados em toda sua potência, ficando relegados a segundo plano. A verdade é que, até então, poucos artistas tinham real interesse em utilizar as ferramentas disponíveis nas redes sociais para enriquecer ou acompanhar suas criações feitas fora do mundo digital, a não ser para divulgação.

Aos poucos, experimentos diversos foram tomando conta de nossas telas. Surgiram cenas de alunos de teatro que seguiam com seus estudos de dentro de suas casas, experimentos cênicos de artistas inquietos que extravasavam os pensamentos e angústias dos dias de incerteza e medo que estávamos vivendo. Quando algum nível de abertura foi possível, passou-se a usar os teatros para encenar e fazer gravações de trabalhos pensados desde o início para serem apresentados digitalmente ou adaptados para essa finalidade. Projetos surgiram em diversos campos: cenas curtas, espetáculos interativos, gravados ou ao vivo, adaptações e criações originais. Entrevistas e mesas de debate aconteciam toda semana para se conversar sobre o que se estava vivendo e tentar responder, geralmente, a uma mesma questão: qual seria o futuro do teatro? Hoje, com grande parte da população vacinada, voltamos a frequentar e realizar espetáculos teatrais dentro dos moldes tradicionais do teatro matriz, definido pelo filósofo teatral Jorge Dubatti “pela copresença dos corpos viventes dos artistas, técnicos e público na mesma coordenada espaço-temporal na produção de um evento *poiético* em expectativa.” (DUBATTI, MUNIZ. 2018)

Com a vantagem de observar o passado com as lentes do futuro, sabemos com certeza que o teatro nunca correu nenhum risco com as criações e experimentações digitais feitas durante a pandemia. Teria sido um risco, por outro lado, se o teatro tivesse se mantido hermético e impermeável aos avanços e mudanças históricas que passamos ao longo dos séculos. Imagine-se que o teatro tivesse rejeitado a utilização da luz elétrica quando foi inventada, no século XIX.

CIACT/SAD 09

Essa situação hipotética parece impensável em 2024 e, se pensarmos bem, deveria ser impensável também a rejeição que alguns artistas tiveram ao formato digital logo nos primeiros meses de isolamento. Passamos por tempos de experimentação, tentativas e erros, que criaram tensões que “permitem que o teatro repense seu lugar na contemporaneidade e permaneça em crise, reinventando-se.” (MUNIZ, ROCHA. 2016)

Este artigo, que é parte de uma pesquisa maior, que culminará na dissertação de mestrado de Cíntia Badaró, analisa brevemente as criações do Grupo Galpão, importante e longo grupo teatral de Belo Horizonte, Minas Gerais. Entre 2020 e 2022, primeiros anos da pandemia de Covid-19, eles criaram 09 espetáculos, um número expressivo para a trupe que estreava, em média, um espetáculo a cada dois anos. Esse alto fluxo de criação foi um dos motivos da escolha deste objeto de pesquisa. Outro ponto importante foi o fato de que essas obras foram as primeiras experiências do grupo com criações para o ambiente digital.

Para começar este mergulho nas obras recentes do Grupo Galpão, vamos lembrar um pouco da história de como eles se encontraram, como era o grupo em seu início e qual o contexto histórico, político e cultural em que aqueles jovens resolveram se organizar profissionalmente para viver de teatro e qual o perfil desses atores, para adiante nos atermos às criações digitais.

A HISTÓRIA DO GRUPO GALPÃO

O ano era 1982 e, após participarem de uma oficina com os alemães Kurt Bildstein e George Froscher, do Teatro Livre de Munique, cinco jovens atores decidem se organizar de modo a colocar em prática a vontade de viver de teatro.

Se atualmente este “viver de teatro” demanda muita organização e articulação por parte dos grupos e atores, imagine-se em plena ditadura militar, após décadas de repressão e censura que tentavam minguar a todo custo expressões culturais e artísticas que não fizessem propaganda do governo ou que demonstrassem qualquer tipo de pensamento considerado subversivo.

Foi neste contexto de reação à ditadura que surgiu em 1979, ainda na pré-história do grupo que conhecemos hoje, a pessoa jurídica “Associação Galpão” formada por vários jovens

CIACT/SAD 09

que viriam a ser artistas plásticos, atores, arquitetos, professores universitários. Eles se encontravam para trocar ideias e projetar alternativas às repressões e censuras, pretendendo criar possibilidades de fazer o conhecimento e as expressões artísticas extravasarem o meio acadêmico. (MOREIRA, 2021)

Entre outros nomes, faziam parte dessa associação Eduardo Moreira, Chico Pelúcio, Beto Franco e Cacá Brandão. Esta organização teve vida curta, mas a razão social já constituída serviu para aqueles jovens atores, três anos depois, iniciarem oficialmente o Grupo Galpão. A partir de uma mala de roupas que Eduardo tinha em casa, criam personagens para aqueles figurinos, escrevem esquetes e apresentam seu primeiro espetáculo: “E a noiva não quer casar”. Um espetáculo de rua, com música, truques circenses e pernas de pau. Já neste primeiro espetáculo estavam presentes os elementos que hoje reconhecemos como identidade da atuação do Galpão, por fazerem parte de diversas obras ao longo de sua trajetória.

Olhares curiosos acompanhavam a história de uma moça que não queria se casar pois preferia ser dançarina, e assistiam aos esforços e malabarismos (literais e alegóricos) dos diversos pretendentes. Ao final, o público contribuía com o tradicional chapéu e se juntava ao elenco em festas que, algumas vezes, extrapolavam o cênico e se estendiam e invertiam os papéis, agora com o público oferecendo músicas, comidas e bebidas ao grupo.

Este primeiro trabalho foi apresentado em diversos espaços de Belo Horizonte e do interior de Minas Gerais, fazendo sucesso com o público e reafirmando ao recém-formado grupo que ainda era possível tomar a atenção das pessoas sem estar na TV ou rádio. Já nessa época, a grande mídia era vista como um dificultador da atração do público para as casas de espetáculo: as TVs estavam em cada vez mais lares e o rádio, que foi por muitos anos a principal fonte de entretenimento das famílias, não só com músicas, mas também com as famosas radionovelas, eram oponentes difíceis de vencer.

CIACT/SAD 09



Figura 1 - Espetáculo "E a noiva não quer casar" apresentado na Praça 7, centro de Belo Horizonte. Wanda Fernandes, Eduardo Moreira, Fernando Linares e Mauro Lúcio. (Arquivo Grupo Galpão).

Nessa época nem se imaginava a internet da forma como usamos corriqueiramente hoje em dia e como foi usada em diversos espetáculos teatrais em todo o mundo, impulsionado pelo isolamento social no início da década de 2020. Em 1982 haviam no Brasil algumas redes de computadores com o objetivo acadêmico de ligar universidades e compartilhar conteúdo e informação de seus bancos de dados. Esses computadores eram ligados entre si, e as várias redes eram independentes, não sendo possível a troca de informação entre elas, como hoje é possível a troca de informações entre todos os computadores conectados à mesma *world wide web* (WWW).

Por sua vez, a WWW surgiu no início dos anos 1990 como uma forma revolucionária de conectar computadores do mundo inteiro, não apenas para troca de mensagens como anteriormente, mas para exibição de conteúdo com a criação dos precursores dos *sites* e aplicativos que utilizamos atualmente. No Brasil, apenas em junho de 1995, o primeiro provedor de internet começou a funcionar na cidade de Campinas, em São Paulo. Depois desta data outros provedores foram sendo conectados e começaram a disponibilizar acesso comercial à rede mundial de computadores. (CARVALHO, 2006)

Ou seja, na época da fundação do Grupo Galpão pouco, ou nada, sobre acesso à internet era discutido fora do campo acadêmico e das empresas de telecomunicações. Dessa forma, era impensável conceber fazer teatro por meios digitais naquele tempo. E nem mesmo o sistema disponível comportaria a criação e distribuição de um produto artístico mais elaborado, especialmente do ponto de vista estético.

CIACT/SAD 09

Ao longo desses mais de 40 anos de história do grupo, poucas vezes eles recorreram a elementos digitais para a construção da encenação. Em diversas oportunidades os atores, individualmente ou como grupo, empreenderam trabalhos no audiovisual seja na televisão ou no cinema. E, provavelmente, como consequência disso vemos essa linguagem muito presente nas criações da pandemia.

OS “GALPÔNICOS” E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Atualmente o Grupo Galpão conta com 12 atores em seu elenco fixo, a quem eles se referem como “galpônicos” e trabalha com diretores, dramaturgos, atores e outros convidados a cada criação. Para falar sobre esses atores e pensarmos sobre a relação deles com essas criações, é interessante que antes falemos um pouco sobre os conceitos de “Nativos digitais” e “Imigrantes digitais”.



Figura 2 - Elenco atual do Grupo Galpão. Da esquerda pra direita: Chico Pelúcio, Paulo André, Lydia del Picchia, Arildo de Barros, Antônio Edson, Eduardo Moreira, Inês Peixoto, Beto Franco, Simone Ordones, Teuda Bara, Júlio Maciel, Fernanda Vianna. (Arquivo Grupo Galpão).

Cunhados em 2001 pelo pesquisador norte-americano Marc Prensky, os termos “nativo digital” e “imigrante digital” se referem, respectivamente, às pessoas que já nasceram após a disseminação das tecnologias digitais e àquelas que viram a internet e os dispositivos digitais

CIACT/SAD 09

surgirem e passarem a fazer parte do nosso cotidiano e tiveram a oportunidade de adaptar suas tarefas para utilizarem as novas ferramentas que continuam surgindo.

É comum encontrarmos marcos temporais que tentem definir os nascidos após 1980 como nativos digitais, mas esses marcos normalmente se referem ao histórico norte-americano ou de outros países do norte global e devemos levar em conta o contexto social de cada país ou região estudada para delinear melhor essas datas. Como vimos anteriormente, a internet chegou ao Brasil apenas em meados de 1995, portanto podemos pensar que a primeira geração brasileira de nativos digitais nasce quando o Grupo Galpão já tem 12 anos de história.

Prensky, em seu artigo de 2001 “*Digital Natives, Digital Immigrants*” (“Nativos Digitais, Imigrantes Digitais” em tradução livre), aponta que as diferenças entre alguém que precisou se adaptar ao mundo digital e alguém que nunca viveu sem o suporte de ferramentas online são mais profundas do que podemos pensar à primeira vista. Nossas estruturas cerebrais são moldadas diferentemente de acordo com os estímulos e ambientes a que somos expostos. Por isso é comum vermos jovens nativos digitais com eficiência multitarefas, e imigrantes digitais com alguma dificuldade para lidar com dispositivos ou com a linguagem em si, trazendo uma marca que o autor relaciona com uma espécie de “sotaque” da linguagem antiga/analógica. Como, por exemplo, quando uma pessoa telefona para avisar sobre o envio de um e-mail (PRENSKY, 2001).

Assim, refletimos sobre como a criação artística a partir de tecnologias digitais pode ser muito fluida e natural para os mais jovens, mas que para os imigrantes digitais dificuldades e contradições podem dificultar o processo. E esses impasses vão acontecer em maior ou menor grau, a depender da adaptabilidade de cada um, seja por interesse, por tempo dedicado a experimentações ou ainda por um apego às formas analógicas de produção cultural.

Quando o Grupo Galpão foi fundado, em 1982, nem se imaginava a forma como os diferentes *gadgets* e aplicativos tomariam conta de nossa vida. E era impossível imaginar que as funcionalidades dos computadores que ocupavam salas inteiras, às vezes andares inteiros, em algumas poucas décadas caberiam em nossos bolsos. Os atores do grupo, tanto os fundadores quanto os demais integrantes atuais, são todos nascidos antes de 1970 e, portanto,

CIACT/SAD 09

indiscutivelmente imigrantes digitais.

São 26 anos de diferença de idade entre Teuda Bara, que é a integrante com a maior idade entre eles, e Júlio Maciel, atualmente o membro mais jovem. Esse fato nos sugere que podem ter havido diferentes graus de dificuldade nos tratos com o digital quando essa linguagem passou a ser a única possível para que o teatro pudesse seguir existindo e criando.

Quando assistimos “Éramos em Bando” (2020) podemos perceber claramente algumas dificuldades enfrentadas no uso do aplicativo Zoom¹ especialmente por Teuda e Toninho. É, inclusive, uma escolha estética e dramática da encenação evidenciar essas dificuldades, vezes de forma cômica e outras vezes como um retrato das adaptações a que todos, como sociedade, estávamos passando.

OS PROJETOS DIGITAIS

Os espetáculos do grupo têm a marca de serem diversos em suas direções, linguagens, estética. Nesses mais de 40 anos eles encenaram textos inéditos e consagrados, foram dirigidos por brasileiros e estrangeiros, por pessoas de dentro do grupo e por convidados. Durante a pandemia não foi diferente e o grupo experimentou e se reinventou. Como de costume, eles se uniram a diversos artistas para desenvolver os espetáculos.

Um espaço vazio precisava ser preenchido com urgência. A princípio, foram disponibilizadas gratuitamente ao público, no Youtube, filmagens de espetáculos do grupo [...]. Paralelamente, nas redes sociais, foram produzidas lives com atores do grupo e artistas convidados, que abordaram as montagens, expondo o processo de criação e o resultado final dos espetáculos. Leituras de poemas e de trechos das peças do grupo foram levadas a cabo pelo elenco do Galpão. Ao mesmo tempo, os atores compartilhavam seu cotidiano caseiro da pandemia em stories, no Instagram e Facebook, se aproximando mais dos espectadores e chamando-os a mergulhar na rotina dos artistas. (MOREIRA, 2020, p.191-192)

Como percebemos acima, na fala de Eduardo, havia uma grande movimentação interna

¹ O Zoom Meetings é uma ferramenta de videoconferência. Muito utilizada no meio empresarial, se destaca pela estabilidade da conexão em qualquer dispositivo. (Fonte: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/01/zoom-meetings-como-funciona-o-site-para-videoconferencia.ghtml> Acesso em 22 jan. 2024)

CIACT/SAD 09

com o objetivo de não parar, de se reinventar, de não se deixar tomar pelo vazio que a insegurança social e sanitária trazia. Esse movimento fez com que o grupo criasse diversas ações antes de começarem a efetivamente criar espetáculos digitais.

Ao mesmo tempo eles seguiram com os ensaios do espetáculo “Quer ver escuta” que estava com estreia prevista para abril daquele ano, no Festival de Curitiba. O trabalho, construído a partir de poemas de escritores contemporâneos, tinha direção de Marcelo Castro e Vinicius de Souza. Esse esforço do elenco de continuar os encontros, agora via internet pela plataforma Zoom, se transformou no primeiro projeto digital, o média-metragem “Éramos em Bando” montado e dirigido pelo cineasta Pedro Lobato com os diretores do espetáculo original. (MOREIRA, 2020, p.193). Neste trabalho podemos assistir ensaios de cenas, reuniões de planejamento, confissões e desabafos sobre a vida no isolamento social e a relação com os produtos artísticos que estavam sendo criados por eles e por outros artistas.

Em maio de 2020, em uma investida de aproximação com o público, eles propõem uma campanha para receber relatos de experiências vividas por pessoas comuns na solidão do isolamento social. Quase 500 histórias são enviadas ao grupo e viram base para o espetáculo “Histórias de confinamento”. Este foi o primeiro projeto do grupo, em quase 40 anos, inteiramente pensado para a internet. Diferentemente de “Éramos em Bando”, que foi editado e montado previamente, este novo espetáculo era encenado ao vivo, se aproximando do rito teatral ao qual estamos acostumados. O que, por sua vez, trazia também para os corpos dos atores um estado de risco parecido com o que o teatro presencial proporciona. Para este trabalho convidam o artista Thiago Sacramento que, como sublinha Inês Peixoto em uma *live* de conversa sobre o espetáculo, trouxe o olhar tecnológico para o espetáculo. Além de fazer a edição ao vivo, ele assina a direção do espetáculo juntamente com Inês e Eduardo Moreira.

Em seguida, o grupo inicia um projeto chamado “Dramaturgias – Cinco passagens para agora” que consistiu em convidar cinco dramaturgos para trabalhar com o grupo em suas próximas produções digitais. Os trabalhos, apresentados ao longo de 2021 e 2022, foram: “Como os ciganos fazem as malas” com texto de Newton Moreno e direção de Yara de Novaes; “Sonhos de uma noite com o Galpão” com texto e direção de Pedro Brício; “A primeira perda da minha

CIACT/SAD 09

vida” com texto de Eduardo Moreira e direção de Inês Peixoto; “Partida de Vôlei a sombra do vulcão” com texto de Silvia Gomes e direção de Fernanda Viana e Clarissa Campolina; e “Febre” com texto de Paulo André e direção de Márcio Abreu.

Estes três últimos são curtas e médias-metragens, construídos com uma linguagem bastante próxima do cinema, apesar de estarmos tratando de artistas (atores, gestores, produtores) de teatro, o que inegavelmente deixa sua assinatura nos trabalhos propostos. Já os dois primeiros trabalhos trazem propostas diferentes: “Como os ciganos fazem as malas” é encenado através do aplicativo de mensagens Telegram. O público pôde acompanhar um viajante que ia do Brasil a Portugal, recebendo mensagens de texto, áudios, fotos, vídeos e músicas durante o tempo da viagem, oito horas. Foi um espetáculo que prezou pela experiência contínua, trazendo uma sensação de proximidade entre espectador e personagem.

“Sonhos de uma noite com o Galpão” mesclava a filmagem de algumas cenas que foram apresentadas presencialmente para um público super reduzido no Galpão Cine Horto e a filmagem dos atores coletando depoimentos de transeuntes em uma feira de Belo Horizonte com a performance ao vivo que cada ator fazia de sua casa. Esse espetáculo também contou com relatos colhidos do público na construção da dramaturgia. O espetáculo acontecia em formato de temporada, e era necessário retirar ingressos – gratuitos – para assisti-lo.

“A primeira perda da minha vida” é um curta feito a partir de um roteiro antigo de Eduardo Moreira. É uma obra mais voltada para a linguagem do cinema, com atmosfera onírica e filmado no teatro do Galpão Cine Horto, o que aproxima novamente as duas linguagens para essa produção que conta com equipe majoritariamente de mulheres. O filme, que estreou no dia das crianças, ficou disponível no Youtube por tempo determinado.

“Partida de vôlei a sombra do vulcão” é chamado pelo grupo de peça-filme, flerta com o realismo fantástico e a ficção científica mas sem abrir mão de elementos do teatro como, por exemplo, quando todos os atores se revezam na pele da personagem principal. (MUNIZ, ROCHA, 2023)

O curta “Febre” assume ser um filme, usa elementos muito ligados ao cinema mas, ao

CIACT/SAD 09

mesmo tempo, tem suas mesclas com o teatro. Algumas cenas foram filmadas no Teatro Marília² utilizando abertamente o palco e a plateia, trazendo os personagens para este lugar, e nos afirmando que aquele é, sem dúvida, um filme feito por artistas de teatro.

Paralelamente a este projeto, ainda em 2021, eles estrearam o espetáculo radiofônico “Quer ver escuta”, adaptação do trabalho que estavam empreendendo quando começou a pandemia. A peça, dividida em 5 partes, foi transmitida pela Rádio Inconfidência e pela Rádio UFMG Educativa, e pôde ser escutada nas rádios AM e FM em Belo Horizonte e pela internet em qualquer lugar do mundo. Na semana seguinte as partes foram lançadas como episódios em plataformas de podcast e seguem disponíveis sob demanda, gratuitamente.

Em 2022, na época do aniversário do grupo, já estávamos iniciando um retorno ao convívio. Além de uma série de temporadas de espetáculos do repertório e de eventos de comemoração, o elenco lança uma série de 13 videoretratos, que são imagens em movimento de cada integrante, misturando fotografia, cinema e teatro³, representando diversos personagens imaginários inspirados em histórias vividas pelo grupo durante os 40 anos de viagens e apresentações nos mais variados locais do Brasil e do mundo. Esse projeto estreou em um cinema de Belo Horizonte e atualmente estão disponíveis no canal do Youtube da trupe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber, em todas as obras digitais empreendidas pelo Grupo Galpão, uma preocupação em se aproximar dos ritos teatrais, em obedecer mais a lógica das casas de espetáculo, com retirada de ingressos, dias e horários definidos de exibição. E seguindo menos a lógica geralmente utilizada na internet, em que os conteúdos são disponibilizados por tempo indeterminado, com a intenção de seguir acumulando visualizações e curtidas ao longo do tempo, para gerar monetização.

Outro ponto que nos chama a atenção é o desejo de se aproximar do público, coletando depoimentos para construir algumas dramaturgias e, assim que foi possível uma reabertura, eles

² Um dos teatros municipais de Belo Horizonte.

³ Definição da Página Oficial do Grupo Galpão

CIACT/SAD 09

aproveitaram para receber um público super reduzido nas gravações das cenas de “Sonhos de uma noite com o Galpão”.

Esse desejo de proximidade com o público pode ser observado também no primeiro espetáculo pós-pandêmico. “Cabaré Coragem” é um convite aos espectadores para entrarem em cena e estarem tão próximos quanto for possível dos atores. A primeira fileira da plateia são, na verdade, as mesas de um cabaré. Os atores passeiam entre os assentos das demais fileiras e tudo convida o espectador a estar mais perto, mais ativo, mais participante, mais à vontade. Como quem diz “entra, a casa é sua, que bom te ver de volta, estávamos com saudades”.

Por outro lado, se acompanhamos as redes sociais do grupo, percebemos que os esforços de movimentação que se iniciaram na pandemia, se mantiveram como ações contínuas. O grupo ainda lança, periodicamente, vídeos dos integrantes contando curiosidades dos bastidores no quadro “Pausa pro café”. E fez novos quadros voltados especificamente para a veiculação nas redes, contando da criação do espetáculo mais recente e da história de cada integrante. Além, é claro, da escolha de fazer os videorretratos como parte da comemoração do aniversário de 40 anos, que aconteceu coincidentemente com as reaberturas dos espaços e do convívio presencial. Através disso tudo, podemos reafirmar a força e potência do teatro, que é vivo e incorpora os avanços e reflete o seu tempo, se mantendo atual e relevante através dos séculos.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *Grupo Galpão: 15 anos de risco e rito*. Belo Horizonte: O grupo, 1999.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. A trajetória da Internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança. Dissertação – Engenharia de Sistemas e Computação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 239 p., 2006.

DUBATTI, Jorge. *O Teatro dos Mortos: introdução a uma filosofia do teatro*. Edições Sesc, 2016.

GRUPO GALPÃO. Disponível em <https://grupogalpao.com.br> Acesso em <15/01/2024>

GRUPO GALPÃO NO INSTAGRAM. Disponível em <https://instagram.com/grupogalpao> Acesso em <15/12/2024>

LIVE HISTÓRIAS DE CONFINAMENTO | GRUPO GALPÃO - 25/11, ÀS 20h. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=C5WoMqtGcNs>> Acesso em <12/03/24>

CIACT/SAD 09

- MOREIRA, Eduardo. *Grupo Galpão: uma história de encontros*. Belo Horizonte: DUO Editorial, 2010.
- MOREIRA, Eduardo. O desafio urgente de continuar existindo. Subtexto - Revista de Teatro do Galpão Cine Horto, Belo Horizonte, n.15, p.188-195, 2020.
- MOREIRA, Eduardo (org.). *Grupo Galpão: tempos de viver e de contar*. São Paulo: Edições Sesc, 2021.
- MOREIRA, Eduardo. O Galpão tentando atravessar a pandemia. Subtexto - Revista de Teatro do Galpão Cine Horto, Belo Horizonte, n.17, p.148-165, 2022.
- MUNIZ, Mariana Lima; DUBATTI, Jorge. Cena de Exceção: o teatro neotecnológico em Belo Horizonte (Brasil) e Buenos Aires (Argentina). Revista Brasileira de Estudos da Presença, Porto Alegre, v.8, n.2, p.366-389, abr./jun., 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbep/a/PYShgPGJfdJmd6jRGyx6LSd/?lang=pt>>
- MUNIZ, Mariana Lima; ROCHA, Maurílio. A relação entre teatro e internet: tensionamento do tempo e do espaço teatral. Revista Pós. Belo Horizonte, Vol. 6, n. 12, novembro 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15750/pdf>>
- MUNIZ, Mariana Lima, ROCHA, Maurílio. Partida de vóley à sombra de um vulcão: um mundo distópico puesto en escena por el Grupo Galpão (Brasil). In CASTILLO, José Nicolás Romera (ed.) *Teatro, ciencias y ciencia ficción en las dos primeras décadas del siglo XXI*. Madrid: Verbum, 2023.
- PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants, *On the Horizon*, MCB University Press, Vol. 9 No. 5, October 2001. Disponível em: <<https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>
- ZOOM MEETINGS: COMO FUNCIONA O SITE PARA VIDEOCONFERÊNCIA ONLINE. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/01/zoom-meetings-como-funciona-o-site-para-videoconferencia.ghml>> Acesso em <22/01/2024>.

Como citar este texto:

BADARÓ, Cíntia R.; MUNIZ, Mariana L. O teatro possível na pandemia de COVID-19: as criações do Grupo Galpão entre 2020 e 2022. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA e SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS, 9, 2024, Belo Horizonte. *Anais do 9º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais 2024*. Belo Horizonte: Labfront/UEMG, 2024. ISSN: 2674-7847. p.1-13.